



EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA: UM OLHAR PARA OS ALUNOS DESSA MODALIDADE DE ENSINO

Cíntia Fabiana de Alves¹

Dalila Inês Maldaner Backes²

RESUMO

O analfabetismo no Brasil é algo que preocupa a sociedade devido ao número altíssimo de pessoas, em nosso país, que ainda não sabem ler nem escrever um bilhete, fato esse que gera discussões e reflexões para a educação. De acordo com dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no ano de 2013, 8,7% da população com 15 anos ou mais é considerada analfabeta. A partir desse contexto, a presente pesquisa inicia a sua constituição tendo como tema a Educação de Jovens e Adultos. Frente a essa temática, várias questões surgem e norteiam esta pesquisa: (1) De que forma o processo educacional no Brasil contribuiu para a formação da Educação de Jovens e Adultos? (2) Como a prática docente do professor pode ou não contribuir para a aprendizagem e a permanência do aluno na EJA? (3) Quem são as pessoas que procuram a EJA no município de Sapiranga/RS? (4) Quais são os fatores que contribuíram para a desistência dos alunos da EJA no ensino regular no município de Sapiranga? (5) Quais os motivos que levaram os alunos da EJA no município de Sapiranga a voltar a estudar? Assim, esta investigação tem como objetivo geral analisar os motivos que levam as pessoas a desistirem de estudar no ensino fundamental e o que as leva a procurar a Educação de Jovens e Adultos mais tarde. Para tanto, referências teóricas sobre a temática abordada são examinadas, bem como foram realizadas 33 horas de observações do espaço escolar da EJA, aplicados 77 questionários em duas escolas, referentes a nove turmas de EJA. Foram entrevistados também oito alunos da EJA - Alfabetização, Etapa I - 1º ao 3º ano e Etapa II - 4º e 5º ano, duas professoras da EJA – Alfabetização, tendo-se efetuado uma conversa com a Coordenadora Geral da EJA no município de Sapiranga/RS. Após a tabulação e a análise dos dados, o estudo esclarece que os motivos que fizeram esses alunos parar de estudar estão relacionados ao fato de terem que ajudar no sustento de suas famílias. Também apresenta os motivos que os fizeram a procurar a EJA mais tarde, os quais estão relacionados ao fato de quererem ampliar seus conhecimentos, como também alcançar um emprego melhor.

Palavras-chave: Educação de jovens e adultos. Evasão escolar. Analfabetismo. Aprendizagem. Prática docente.

ABSTRACT

The illiteracy in Brazil is something that worries the society due to the high number of people that don't know how to read neither to write a note, fact that engenders discussions and reflections about

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Feevale e professora de Educação Infantil da rede municipal de Novo Hamburgo. E-mail: cintiafabby88@gmail.com.

² Professora orientadora do trabalho de conclusão do curso de Pedagogia pela Universidade Feevale. E-mail: dalilai@feevale.br.



education. According to data announced by the Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) in 2013, 8,7% of the Brazilian youth aged 15 or more is considered illiterate. Based on this context, this research begins to be constituted and has the Educação para Jovens e Adultos - EJA (Education for Youth and Adults) as its theme. This topic raises several issues which guides the research: (1) How does the educational process in Brazil contribute to develop youth and adults' education? (2) How can the teaching practice contribute or not to students' learning and permanence at EJA? (3) Who are the people that seek EJA in Sapiranga/RS? (4) Which are the factors that contributed to EJA's students give up the regular school in Sapiranga? (5) Which are the reasons for EJA's students go back to school in Sapiranga? Thus, the general objective of this investigation is to analyse the reasons for people giving up to study at the fundamental school and what reasons made them return to school and participate the program Educação de Jovens e Adultos. Therefore, the investigation is based on theoretical references about the topic approached, as well as, 33 hours of observations about EJA's school environment, 77 questionnaires applied in two schools, referring to nine groups of EJA. Interviews implicated eight EJA's students – Literacy, stage I - 1° to 3° grade and stage II - 4° and 5° grade, two EJA's teachers – Literacy, and the EJA's General Coordinator from Sapiranga/RS participated of a meeting. After tabulating and analysing the data, the study clarifies that the reasons for students dropping their studies are related to the necessity of helping the family support. Besides this, this research verifies that the reasons for seeking EJA are related to the desire of increasing their knowledge aiming a better job.

Keywords: Education of youth and adults. School evasion. Illiteracy. Learning. Teaching practice.



1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como temática a Educação de Jovens e Adultos – EJA – e torna-se relevante na medida em que procura conhecer um pouco mais sobre essa modalidade de ensino. Busca compreender como ela é estruturada, conhecendo seu processo histórico e, mais especificamente, como ela ocorre dentro do município de Sapiranga, conhecendo seus professores e seus discentes.

A EJA é, cada vez mais, alvo de discussões em fóruns, seminários e conferências com o objetivo de se pensar sobre o processo de alfabetização, bem como a reintegração desses alunos, que muitas vezes se sentem marginalizados, sentem-se excluídos socialmente. Busca-se, através do diálogo, qualificar a educação construída nessa modalidade de ensino. Frente a isso, no decorrer deste trabalho, são discutidas diferentes questões sobre a EJA.

Para entender um pouco dessa modalidade de ensino, faz-se necessário olhar um pouco para o histórico da EJA, assim como também pensar nos sujeitos envolvidos nesse processo de aprendizagem. Esta pesquisa apresenta reflexões sobre o professor da EJA, reflexões essas que são feitas sob a luz de Paulo Freire, um dos grandes pensadores da educação popular no Brasil, bem como contextualiza os educandos participantes no processo de aprendizagem.

Para realizar tal investigação, foi necessário seguir alguns caminhos metodológicos. Para tanto, este estudo adota a pesquisa qualitativa, através do método estudo de caso, utilizando como técnica de coleta de dados a entrevista semiestruturada com os alunos e os professores, questionários somente para os alunos e observações de duas escolas no município de Sapiranga/RS. Os resultados obtidos através do estudo de caso estão expostos, fazendo-se, assim, as relações entre a teoria apresentada com a prática realizada nas escolas observadas.

Espera-se que, a partir desta investigação, seja possível contribuir com reflexões acerca dos motivos que levam as pessoas a desistir de estudar no ensino fundamental e o que as leva a procurar a Educação de Jovens e Adultos mais tarde, fomentando futuros estudos que resultem em alternativas para diminuir a evasão escolar.

2 A EDUCAÇÃO DE JOVENS e Adultos: UM OLHAR PARA O PASSADO

A educação no Brasil foi mudando muito ao longo dos anos, dessa forma, a cada novo governo, uma nova estrutura educacional era apresentada e vista como a melhor.

O processo histórico da educação no Brasil é caracterizado pela exclusão das classes populares. Desde o processo de colonização do país, o acesso à escola era possibilitado aos grupos que possuíam melhores condições econômicas. “É exatamente esta lógica que permeia toda história brasileira: a lógica da centralização do poder e do saber nas mãos de alguns, em detrimento da maioria” (MOLL, 2009, p. 13), o que acarretou um grande número de analfabetos em nosso país, fazendo com que se repensasse a educação ao longo dos anos, criando estratégias para diminuir o analfabetismo.



Pode-se citar como exemplo a proposta de educação popular para jovens e adultos de Paulo Freire. Freire foi o mais importante mentor da alfabetização e da educação popular do Brasil. O processo de alfabetização tinha como dinâmica observar o meio dos educandos, extraindo desse meio “palavras geradoras” que seriam a base das propostas realizadas. A atividade não era apenas separar sílabas e formar novos vocábulos com essas palavras, era constituída de diversas discussões que permitiam ao indivíduo apropriar-se da sua realidade, pensando e agindo sobre ela. De acordo com Piletti (2010, p. 107), “era o próprio adulto que se educava, orientado pelo ‘coordenador de debates’ (o professor), ‘mediante a discussão de suas experiências de vida com os outros indivíduos que participam das mesmas experiências’”.

O programa teve tanta repercussão que Paulo Freire foi nomeado coordenador do Programa Nacional de Alfabetização, mas, infelizmente, isso não foi possível devido ao Golpe Civil-Militar de 1964. Paulo Freire, assim como tantos outros, foi exilado do país. A ditadura militar instituída no país, através de um regime autoritário, trouxe muitas mudanças para a educação, como também para outros setores do país.

Em seguida, em 1967, o governo criou o Movimento Brasileiro de Alfabetização, conhecido como MOBRAL, visando a alfabetizar a população com idade entre 15 e 30 anos, ensinando o aluno a ler, escrever e fazer cálculos. No ano de 1970, o movimento passou por uma reforma, recebeu recursos vindos da Loteria Esportiva e das deduções de imposto de renda. O movimento tomou proporções nacionais, atingindo todo o território brasileiro (BRASIL, 2000).

A metodologia adotada no MOBRAL não se preocupava com a realidade dos sujeitos, tampouco com a conscientização política deles, portanto não cogitava transformar a realidade dos alunos, como era realizado no método de Paulo Freire. De acordo com Carvalho (2009, p. 43), “o material didático, produzido por equipes pedagógicas contratadas por empresas privadas, destinava-se a todas as regiões do país, não obstante, as diferenças linguísticas e socioculturais das populações”. Utilizavam cartilhas, nas quais havia palavras para os alunos decorarem sua pronúncia e sua escrita.

Mesmo com tantos investimentos, os resultados obtidos não foram os esperados; o MOBRAL chegou a ser considerado por educadores e intelectuais como um programa ineficaz no combate ao analfabetismo e foi extinto em 1985.

Com o fim da Ditadura Civil-Militar, em 1985, o país voltou a vivenciar o sentido de democracia, um exemplo do processo de redemocratização foi visto em 1988, com a promulgação da nova Constituição do Brasil, conhecida como “Constituição Cidadã”. A partir dela, o ensino fundamental passou a ser garantido a todos, mesmo para aqueles que não puderam estudar na idade considerada ideal, como é possível observar no art. 208:

O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: I - educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria; [...] (BRASIL, 1988).



Na década de 90, a Educação de Jovens e Adultos - EJA - ganhou bastante reconhecimento internacional graças às conferências organizadas pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO -, que tinham como proposta evidenciar a importância da formação, ou seja, da educação para o desenvolvimento de um país.

Graças a essas mobilizações, foram criados Fóruns Estaduais de EJA, que foram se espalhando pelo Brasil, estando presentes até hoje em todos os Estados. Em 1996, o Ministério de Educação (MEC) e a UNESCO organizaram-se para preparar a V Conferência Internacional de Educação de Jovens e Adultos – CONFINTEA, realizada em Hamburgo, na Alemanha. A conferência foi realizada para discutir formas de melhorar a EJA.

Ainda no ano de 1996, foi criada uma nova Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional (LDBEN), sob o nº 9.394/96, em que novas formulações foram apresentadas para a Educação de Jovens e Adultos. Uma mudança importante está relacionada à denominação *supletivo*, pois, para o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (**FUNDEF**), o *supletivo* não possuía uma estrutura que merecesse receber verbas. Assim, a Educação de Jovens e Adultos – EJA – passou a ser uma modalidade de ensino. E, segundo o Parecer CEB nº 11/2000, modalidade é entendida como

diminutivo latino de *modus* (*modo, maneira*) e expressa uma medida dentro de uma forma própria de ser. Ela tem, assim, um perfil próprio, uma feição especial diante de um processo considerado como medida de referência. Trata-se, pois, de um modo de existir com característica própria. (BRASIL, 2000, p. 26).

Essa foi uma grande conquista para a educação, pois através dela se tentou reparar a falha que houve em toda a educação brasileira, principalmente, para aqueles que foram excluídos da escola e na escola.

O art. 4º da LDBEN nº 9.394/96 prevê que é dever do Estado oferecer educação básica regular para aqueles que não puderam estudar no tempo regular, sejam eles jovens ou adultos, bem como respeitar as suas características, oferecendo, assim, modalidades de ensino adequadas às suas especificidades. O art. 38 diz que os exames e os cursos realizados na EJA deverão seguir o currículo nacional, e a idade mínima para prestá-los será de 15 para concluir o ensino fundamental e de 18 anos para concluir o ensino médio. Dessa forma, por atender jovens e adultos, a EJA precisa ter uma organização diferente daquela oferecida às crianças que puderam estudar na idade apropriada.

A EJA tem função reparadora, equalizadora e qualificadora, pois busca reparar os danos provocados pela própria sociedade às pessoas que não puderam estudar; equalizadora, pois atinge todos, independentemente de classe social, dessa forma, ela também é qualificadora, na medida em que os sujeitos estudam, desenvolvem suas habilidades e adquirem novas competências (BRASIL, 2000).

Na atualidade, está em vigor o Programa Brasil Alfabetizado (PBA), que foi criado em 2003 pelo Ministério da Educação – MEC, para garantir o acesso à educação para todos, especialmente para a população indígena, quilombolas, rurais, pescadores, que não tiveram acesso no tempo regular.



O PBA configura-se neste sentido como significativa estratégia de garantia do direito à educação e como alternativa importante para o enfrentamento das desigualdades que marcam as condições de oferta de educação nos municípios e unidades da federação (BRASIL, 2011, p. 7).

O Programa Brasil Alfabetizado está configurado como política pública, assim os recursos são procedentes do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério – FUNDEB, sendo transferidos para os estados, os municípios, as empresas e as universidades parceiras.

Entre outras propostas educacionais voltadas para a Educação de Jovens e Adultos, destacam-se: Educação no Campo, Educação Escolar Indígena, Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos - PROEJA, Programa Nacional de Inclusão de Jovens - PROJOVEM, Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos - ENCCEJA, Movimento Alfabetização de Jovens e Adultos - MOVA/ Brasil.

3 PEDAGOGIA DA AUTONOMIA³: REFLETINDO A PRÁTICA EDUCATIVA DO PROFESSOR NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Quando se pensa em educação e se olha mais diretamente para o ato de ensinar, independentemente de se trabalhar com crianças, jovens ou adultos, é preciso sempre refletir sobre a prática educativa do professor, a qual se dá através da sua relação com o educando e do processo de construção do conhecimento.

É de conhecimento dos profissionais da educação que existe uma troca de saberes entre os sujeitos envolvidos durante a caminhada do desenvolvimento cognitivo de cada ser. Por isso, é preciso que o educador entenda que ele não é o detentor do conhecimento e que o aluno não é um agente passivo, sujeito a, apenas, receber conhecimentos. Nesse trâmite, há uma relação mútua de aprendizagens, ambos os sujeitos envolvidos se constroem como pessoas.

É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem *formar* é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender (FREIRE, 2011, p. 25).

Do mesmo modo, quando se pensa na Educação de Jovens e Adultos, não é possível enxergar esses alunos como incapazes, como se não tivessem conhecimento algum. Pensando dessa maneira - olhando para as incapacidades dos alunos -, muitas vezes alguns docentes trazem uma prática superficial, que não instiga esses sujeitos, que não os faz pensar. É preciso que o educador exija o máximo de seus alunos, que ele mostre que é possível ir além, aprofundar-se no conhecimento. Esse é um dos deveres do professor.

³ Termo cunhado por Paulo Freire (2011) na obra *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*.



O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com quem devem se ‘aproximar’ dos objetos cognoscíveis (FREIRE, 2011, p. 28).

O educador da EJA deve assumir a sua posição de mediador, deve mostrar aos alunos que o conhecimento é algo mutável, que vai se transformando, que uma nova descoberta ultrapassa a outra, fazendo dela um conhecimento antigo, da mesma forma, essa nova aprendizagem também será superada por outra algum dia. As incertezas fazem parte do nosso cotidiano, não existe conhecimento pronto, acabado. O educador que se apropria dessa concepção também admite que possui dúvidas, assim, “[...] quem pensa certo, mesmo que, às vezes, pense errado, é quem pode ensinar a pensar certo. E uma das condições necessárias a pensar certo é não estarmos demasiado certos de nossas incertezas” (FREIRE, 2011, p. 29).

E são essas dúvidas e incertezas que levam os indivíduos a querer descobrir o novo, percebe-se que a pesquisa faz parte da vida de todos, educadores e educandos. Para ensinar algo, é preciso saber sobre o que se quer ensinar, mas um saber crítico, não um saber “decorado”, o aluno merece que o professor dê o seu melhor, que ele se prepare para isso. Outra questão muito importante se refere aos conteúdos trabalhados em sala de aula, esse conteúdo deve estar ligado à realidade do aluno, para que a aprendizagem seja significativa (FREIRE, 2011).

Na EJA, isso não deve ser diferente, os conteúdos trabalhados devem condizer com a necessidade de aprendizagem dos alunos; muitas vezes, deparamo-nos com aulas infantilizadas, que ignoram por completo o adulto que está ali presente, quando, de fato, os alunos da EJA precisam de práticas que os instiguem e os façam ir além.

Pensando nesse aluno – independentemente da idade – é que o educador não pode ter uma prática neutra, o professor deve apresentar suas opiniões frente a diferentes assuntos, ou seja, seu posicionamento político. Não é sendo omissos que eles respeitarão seu aluno, pelo contrário, o educador tem como função testemunhar “[...] o direito a comparar, de escolher, de romper, de decidir e estimular a assunção desse direito por parte dos educandos” (FREIRE, 2011, p. 69).

Conforme vem sendo discutido neste texto, o papel do educador da EJA é abrir caminhos mostrando possibilidades. Assim, na prática, o educador deve expor aos alunos jovens e adultos que é possível mudar transformando sua realidade, sua história. E isso só é possível para quem se deixar acreditar, para quem quer aprender e também quer ensinar; é por isso que o educador precisa observar a sua prática, para que ela possa atender às necessidades do seu aluno, contribuir para sua transformação e, acima de tudo, respeitando suas crenças.

Como educador preciso ir “lendo” cada vez melhor a leitura de mundo que os grupos populares com quem trabalho fazem de seu contexto imediato e do maior de que o seu é parte. O que quero dizer é o seguinte: não posso de maneira alguma, nas minhas relações político-pedagógicas com os grupos populares, desconsiderar seu saber de experiência feito. Sua explicação do mundo de



que faz parte a compreensão de sua própria presença no mundo. E isso tudo vem explicitando ou sugerido ou escondido no que chamo de *leitura do mundo*, que precede sempre a *leitura da palavra* (FREIRE, 2011, p. 78-79, grifo do autor).

Essa leitura de mundo que o aluno faz diz respeito ao seu entendimento social, cultural, político, de sociedade, de como ele se vê nesse mundo, isso é um saber letrado. A leitura de mundo vem antes da leitura de palavra, porque é nas experiências do dia a dia que essas leituras de mundo são vividas, são constituídas. A leitura de mundo é fundamental para o processo de aprendizagem de jovens e adultos, é a partir dela que o educador construirá sua prática educativa. Assim, os saberes do professor irão dialogar com os saberes do aluno e é isso que fará da aprendizagem um processo significativo.

4 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UM OLHAR PARA OS ALUNOS DE SAPIRANGA/RS

Inicialmente, realizou-se a observação dos espaços e das aulas, a fim de conhecer os alunos e os professores e compreender como se constrói esse contexto de aprendizagem. Após as observações, foram disponibilizados questionários para os alunos matriculados na EJA - Ensino Fundamental Anos Iniciais: Etapa I - 1º ao 3º ano e Etapa II - 4º ao 5º ano e EJA - Ensino Fundamental Anos Finais: Etapa III - 6º ao 7º ano e Etapa IV - 8º ao 9º ano e para o Projeto Intensivo EJA: 6º ano ao 9º ano.

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas somente com os alunos da EJA Alfabetização - Ensino Fundamental Anos Iniciais. Foram escolhidos os dois alunos mais novos e os dois alunos mais velhos de cada turma, totalizando oito alunos. A escolha dos sujeitos participantes das entrevistas - os dois alunos mais velhos e os dois alunos mais novos - foi feita com o intuito de olhar para diferentes épocas e, assim, poder fazer comparações quanto aos motivos que os levaram a desistir de estudar no tempo regular. E, por que os alunos das turmas de Alfabetização? Porque, como estudante do curso de Pedagogia, minha área de atuação no Ensino Fundamental é com as séries iniciais, ou seja, do 1º ao 5º anos, o que corresponde à turma de Alfabetização na EJA. Da Escola A, os dois alunos mais velhos têm 65 e 63 anos respectivamente, os alunos mais novos, 43 e 50 anos. Nesse grupo de entrevistados, há três pessoas do sexo masculino e uma pessoa do sexo feminino. Na Escola B, os alunos mais velhos têm 78 e 73 anos, e os alunos mais novos, 40 e 25 anos. Nessa escola, três alunos são do sexo feminino e um aluno é do sexo masculino. Também, foi efetuada entrevista com os dois professores responsáveis por essas turmas e uma conversa com a Coordenadora Geral da EJA.

Conforme relatos da Coordenadora Geral da EJA, no município de Sapiiranga, até o ano de 2004, existia o Ensino Fundamental Noturno, cujo funcionamento seguia a mesma linha do diurno, sendo ministrado de forma seriada, uma série por ano. A partir do ano de 2004 foi que a EJA passou a ser instituída e estruturada seguindo uma nova linha de pensamento. Assim, de acordo com a Coordenadora, foi elaborado e organizado um modelo diferenciado para atender jovens e adultos a partir de 15 anos, sendo, então, constituído em quatro etapas: Etapa I – Alfabetização de Adultos (subdividida em dois



módulos A e B, considerando as dificuldades e a evolução do aluno); Etapa II – equivalente ao 4º e ao 5º ano; Etapa III – equivalente ao 6º e ao 7º ano; e Etapa IV – equivalente ao 8º e ao 9º ano e, ainda, o Projeto Intensivo, que atende adultos a partir de 23 anos de idade que não concluíram os anos finais do Ensino Fundamental e o fazem em um ano letivo. O município atende, atualmente, 202 alunos matriculados na EJA noturno e 158 na EJA diurno (ofertado para jovens de 15 e 16 anos).

Os professores que atendem a EJA são, na sua maioria, concursados ou, em caso de falta desses docentes, novos professores são convocados através de contrato emergencial. As duas professoras, PA1 e PA2, que atendem os alunos da EJA - Alfabetização eram contratadas; uma é formada em Pedagogia, Habilitação em Séries Iniciais, e pós-graduada em Psicopedagogia; a outra é formada em Matemática e estava cursando Pedagogia. As professoras entrevistadas já trabalhavam com a área da educação há 33 e 11 anos respectivamente, porém com a EJA as duas somam ao todo três anos de atuação.

Aos professores que atendem o Projeto Intensivo, são oferecidos momentos de planejamento coletivo, para que assim haja troca de experiências, ideias, reflexões e discussões. Também, participam das formações oferecidas pelo município. A Coordenadora Geral da EJA ainda relatou que “Sapiranga tinha em 2010 um índice de 3,9% de analfabetos a partir de 15 anos de idade, o que corresponde a 2.233 pessoas, num total de 79.152 mil habitantes”.

A partir dos resultados obtidos com os questionários aplicados, foi possível contextualizar o alunado da EJA na cidade de Sapiranga. O maior número de alunos da EJA está na faixa etária entre 15 a 19 anos. Os dados podem assustar um pouco, pois não se imagina que, mesmo com todo o amparo legal legitimando a obrigatoriedade do ensino, ainda haja jovens nessa faixa etária que não tenham concluído o ensino fundamental.

Entre as 77 pessoas que responderam à pergunta “Qual o seu sexo?”, mais da metade, ou seja, 41 pessoas responderam ser do sexo masculino, e 36 pessoas responderam ser do sexo feminino. A diferença não é muito considerável, mas, pensando em todo o histórico da figura feminina na sociedade, pensando nos dados divulgados pelo PNAD em 2009, em que 53% das pessoas que frequentavam ou frequentaram a EJA eram do sexo feminino, pode-se arriscar a dizer que essa inversão tenha ocorrido em virtude de a mulher querer conquistar um espaço digno e de destaque na sociedade, pois durante muitos anos ela esteve à sombra da figura masculina, sendo impedida de trabalhar, votar e até estudar.

Olhando para a questão “Qual o seu estado civil?”, verifica-se a superioridade das respostas marcadas na opção solteiro, ou seja, 46 alunos da EJA são solteiros, um número bem expressivo, que ultrapassa mais da metade dos entrevistados.

Os dados permitem constatar que a maioria dos alunos que frequentam a EJA declararam ser de cor branca, alguns declararam ser de cor parda, e um número menor declarou ser de cor negra. Apenas uma pessoa não se identificou com as alternativas e marcou a opção OUTRO.

Das alternativas da questão “Qual sua profissão?”, a maioria dos alunos marcou a opção OUTRO. Assim, várias foram as profissões que apareceram, como: dona de casa, mecânico, doméstica, serviços



gerais, tatuador, DJ, além de alguns alunos terem respondido “desempregados”. Muitos relataram, durante observações feitas, que percebiam o quanto os estudos fizeram falta na vida profissional deles.

Os dados referentes à renda familiar mostram que na sua maioria os alunos são oriundos de famílias mais humildes, que ganham até dois salários mínimos por mês. Podemos fazer uma relação entre a questão sobre a renda familiar com a pergunta “Qual o motivo que o fez parar de estudar?”: 29 alunos marcaram a alternativa “para ajudar no sustento da família”, seguidos por 13 alunos que pararam de estudar porque não gostavam, e 11 alunos marcaram a opção OUTRO, em que apareceram as seguintes respostas: gravidez, morte da mãe, trabalho, para terminar os estudos mais rapidamente. É possível compreender o quanto os fatores econômicos e sociais estão implicados na vida desses sujeitos, tornando-se prioridade em alguns momentos. Com as entrevistas, isso se confirmou mais detalhadamente: mediante a pergunta “Por que você parou de estudar?”, percebe-se que, mesmo tendo idades bem diferenciadas, o motivo que os fez deixar de estudar eram na sua maioria o mesmo, “para ajudar no sustento da família”, pois a necessidade de sobrevivência prevalecia. Assim confirma Gadotti (2007, p. 31): “os jovens e adultos trabalhadores lutam para superar suas condições precárias de vida (moradia, saúde, alimentação, transporte, emprego etc.) que estão na raiz do problema do analfabetismo”.

E tudo isso se encaixa perfeitamente com a questão “Qual o motivo que os levou a voltar a estudar?” Nessa questão, houve quase um empate nas respostas: 25 pessoas responderam que voltaram a estudar para arrumar um emprego melhor, e 26 pessoas responderam que voltaram a estudar para ampliar seus conhecimentos. O mesmo motivo que os fez parar de estudar – ajudar no sustento da família, ou seja, trabalhar – também foi o motivo para voltar a estudar – arrumar um emprego melhor. Quando crianças, esses sujeitos não necessitavam ter muita instrução para entrar no mercado de trabalho, admitiam-se crianças com 12 anos⁴ nas empresas, conseqüentemente, a necessidade fez com que muitos parassem de estudar. Porém, hoje, o mercado de trabalho está bem mais criterioso e exigente, querendo profissionais qualificados, fato que foi se constituindo e modificando historicamente, pois, antes, a educação para a classe menos favorecida era pouco incentivada. À medida que o país foi se desenvolvendo e crescendo economicamente, passou-se a olhar para aqueles que por muitos anos ficaram à margem do ensino.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa busca evidenciar algumas reflexões que nos permitiam conhecer um pouco mais sobre a modalidade de ensino EJA num parâmetro geral e a sua história no Brasil. Investigam-se os sujeitos envolvidos diretamente no processo de aprendizagem - aluno e professor - e contextualiza-

⁴A partir do Decreto-lei nº 229, de 28.2.1967, conforme o Art. 402, era considerado menor o trabalhador que tinha de 12 (doze) a 18 (dezoito) anos.



se a EJA no município de Sapiranga/RS. As dúvidas que geram o processo de elaboração do trabalho são, aos poucos, sanadas através do referencial teórico, das observações, dos questionários aplicados e também das entrevistas.

Assim, com a história da EJA, é respondida a questão norteadora desta pesquisa: (1) De que forma o processo educacional no Brasil contribuiu para a formação da Educação de Jovens e Adultos? Compreende-se que dois fatores são determinantes e contribuem para a formação da Educação de Jovens e Adultos no país. Um deles se refere ao nosso processo histórico educacional, que é marcado por “idas e vindas”, ou seja, conforme o poder muda de “mãos”, muda-se a forma de se pensar o ensino. Não é possível culpar um governo ou o outro, e sim entender que por muitos anos não se têm propostas públicas para a educação, mas sim propostas de governo. O outro fator reporta-se à concepção elitista que se tem do ensino, que favorece as classes econômicas com maior poder aquisitivo.

De acordo com Moll (2009, p. 35), “A distribuição do saber escrito no Brasil é marcada, historicamente, como vimos, pela exclusão das camadas populares **do** processo escolar e **no** processo escolar”. O acesso à educação é para poucos, e os poucos que podem frequentar a escola são submetidos a uma prática docente dissociada do seu contexto, além de seletiva, resultando no abandono e/ou na reprovação desses indivíduos. Isso tem como consequência números altíssimos de analfabetos ou pessoas com baixa escolaridade, que não conseguem terminar nem o ensino fundamental, contribuindo, assim, para o surgimento de cursos, programas e, depois, a modalidade de ensino EJA. Nessa perspectiva, a partir da EJA, objetiva-se reparar os danos educacionais estabelecidos historicamente, assim como busca qualificar os sujeitos e equalizar o ensino, para que não haja tanta diferença de escolaridade entre os indivíduos da sociedade (BRASIL, 2000).

Através do contentamento dos alunos, da satisfação deles em estarem ali ou não, a pesquisa consegue estabelecer uma relação e compreender o que Paulo Freire (2011) tanto defendeu. Mesmo sendo diferentes, professor e aluno, é preciso entender que ambos possuem conhecimentos e que, no processo de aprendizagem, quem ensina-aprende e quem aprende-ensina. Diante disso, pode-se responder à segunda pergunta norteadora: como a prática docente pode ou não contribuir para a aprendizagem e a permanência do aluno na EJA? A partir das respostas dos alunos entrevistados e das observações, percebe-se o quanto a prática do professor é importante para contribuir na aprendizagem dos sujeitos, assim como para a permanência deles na EJA. Ao observar os três grupos da EJA, diferentes práticas docentes são constatadas. Essas práticas, com exceção das turmas da EJA Intensivo, são baseadas no modelo tradicional de ensino, especialmente, nos grupos dos anos finais do ensino fundamental.

É possível perceber que os três grupos apresentados da EJA no município de Sapiranga/RS são heterogêneos e apresentam realidades distintas. Através dos 77 questionários aplicados e das observações em sala de aula, é possível responder à seguinte questão: (3) Quem são as pessoas que procuram a EJA no município de Sapiranga/RS? As respostas permitem contextualizar o alunado da



EJA e trazem as seguintes informações: os alunos que constituem a EJA estão em grande número entre a faixa etária dos 15 aos 19 anos; são na maioria homens; com relação ao estado civil, são em geral solteiros e mais da metade dos alunos declarou ser de cor branca. Ganham em média até dois salários mínimos e trabalham em diferentes segmentos no município, como: mecânico, serviços gerais, doméstica, tatuador, DJ.

Os fatores que promovem a desistência do ensino regular são, com maior expressividade, a necessidade de ajudar no sustento da família, seguido pelo fato de não gostarem de estudar no período em que eram crianças/adolescentes e a repetência no ensino regular. Ao analisar, novamente, essas respostas, percebe-se a sua relação com o referencial teórico apresentado, além de se relacionarem entre si. A análise do processo histórico da educação brasileira aponta para a concepção elitista presente no ensino, por ser reflexo de uma sociedade em que o poder (econômico e político) se concentra nas mãos de poucos, fazendo com que os meios de trabalho também estejam nas mãos de poucos, o que acarreta péssimas condições de laboração, baixa remuneração, entre outros fatores. Dessa forma a história brasileira tem sido construída. Assim, poucos têm muito, e muitos têm muito pouco. Perante isso, é compreensível que muitos precisam deixar de estudar durante a infância e a adolescência para ajudar no sustento das suas famílias. A necessidade de sobrevivência, os fatores econômicos e sociais implicam acentuadamente na vida de muitas pessoas.

Um olhar sobre o processo educacional demonstra que o ensino é gerenciado para atender a elite e, por isso, as práticas docentes significavam mais para aqueles com melhores condições de vida. Aos alunos com menos condições econômicas, essa prática educacional pouco significa. E, assim, é plausível entender quando esses alunos perguntam “Por que eu preciso aprender isso?” “Em que momento da minha vida vou usar isso?” E, mais ainda, é tolerável que muitos não gostem de estudar, “Por que estudar, se eu preciso ajudar em casa pra ter o que comer ou vestir?”, o que acarreta, muitas vezes, a repetência ou a evasão dessas crianças e desses jovens da escola. O exposto auxilia a esclarecer a questão norteadora a seguir: (4) Quais são os fatores que contribuíram para a evasão escolar dos alunos da EJA no ensino regular no município de Sapiiranga?

E, assim, ao longo dessa pesquisa, é respondida também a questão (5) “Quais os motivos que levaram os alunos da EJA no município de Sapiiranga a voltar a estudar?” As respostas dos questionários e das entrevistas deixam evidente que os motivos que levam os alunos da EJA a voltar a estudar estão relacionados com questões econômicas, sociais e pessoais. Assim, as três respostas mais assinaladas são “Para ampliar meus conhecimentos”, “Para arrumar um emprego melhor” e “Realização pessoal”. Isso permite inferir que esses alunos carregam consigo uma bagagem de conhecimentos, diferentes histórias de vida, mas ao mesmo tempo entendem que não são sujeitos acabados, que vivem em um processo de construção. Isso faz com que desacomodem esse desejo de aprender mais, em conhecer coisas novas, movimenta-os para a sala de aula, justificando o motivo “Para ampliar meus conhecimentos”, que se relaciona com a segunda opção mais assinalada pelos alunos, “Arrumar um



emprego melhor”. Portanto, compreende-se que as necessidades econômicas atuais têm gerado um custo de vida mais alto do que há 10 ou 20 anos. “Arrumar um emprego melhor” significa receber um salário melhor, podendo assim suprir as necessidades de cada pessoa. Mesmo ficando em terceiro lugar, a opção “Realização pessoal” mostra o quanto aprender a ler e a escrever, pegar um ônibus, ir ao mercado, fazer compras, permite que se eleve a autoestima dessas pessoas. A partir do momento em que o sujeito passa a ser autônomo nas suas decisões, nas suas escolhas, ele entende o seu papel de cidadão e compreende que pode transformar sua realidade.

Dessa forma, este trabalho é finalizado sob a afirmação de que a Educação de Jovens e Adultos possui um papel muito importante na sociedade, pois, através dessa modalidade, muitos sujeitos conseguem recuperar aquilo que lhes foi tirado ainda quando crianças/adolescentes: o direito à educação, direito esse que não deve ser negado a ninguém. Direito a uma educação de qualidade, em que ambos os sujeitos envolvidos sejam responsáveis pelas aprendizagens, passando a ser respeitados pelos seres humanos que são, pelos conhecimentos de mundo, pelas experiências que possuem.



REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto-Lei n.º 5.452, de 1º de maio de 1943. **Aprova a Consolidação das Leis do Trabalho**. Rio de Janeiro: 1943. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del5452.htm>. Acesso em: 25 de out. 2014.

BRASIL. **Constituição de 1988**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. Acesso em: 27 jul. 2014.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, 23 dez. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos**. Brasília: MEC, 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/legislacao/parecer_11_2000.pdf>. Acesso em: 27 mai. 2014.

BRASIL. **Relatório Global sobre Aprendizagem e Educação de Adultos**. Brasília: UNESCO, 2010. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001886/188644por.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2014.

BRASIL. Senado Federal. **Princípios, Diretrizes, Estratégias e Ações de Apoio ao Programa Brasil Alfabetizado: Elementos para a Formação de Coordenadores de Turmas e de Alfabetizadores**. Brasília, DF, 2011. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=17457&Itemid=817> Acesso em: 07 ago. 2014.

CARVALHO, Marlene. **Primeiras letras: alfabetização de alunos em espaços populares**. São Paulo: Ática, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática**

educativa. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GADOTTI, Moacir. Educação de Jovens e Adultos: corrente e tendências. In: GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José E. (Orgs.). **Educação de Jovens e Adultos: Teoria, prática e proposta**. 9. ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2007. p. 29-39

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: Aspectos Complementares da Educação de Jovens e Adultos e Educação Profissional 2007**. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/pnad_eja.pdf> Acesso em: 21 ago. 2014.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios: Síntese de Indicadores 2012**. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_anual/2012/Sintese_Indicadores/sintese_pnad2012.pdf> Acesso em: 25 ago. 2014.

MOLL, Jaqueline. **Educação Possível: reinventando o ensinar e o aprender**. 8. ed. Porto Alegre: Mediação, 2009.

PILETTI, Nelson. **História da educação no Brasil**. São Paulo: Ática, 2010.

PRADA, Ivonete [nome fictício]. **Questionário** [ago.2014]. Aplicador: Cíntia Fabiana de Alves. Sapiiranga, 2014. 1 arquivo. Questionário realizado na pesquisa de Trabalho de Conclusão em Licenciatura em Pedagogia.